

# NARRATIVAS SOBRE A SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

■ LAYTA SENA RIBEIRO

<https://orcid.org/0000-0002-6942-5707>

Universidade Federal do Vale do São Francisco

■ MARCELO SILVA DE SOUZA RIBEIRO

<http://orcid.org/0000-0003-1196-7383>

Universidade Federal do Vale do São Francisco

## RESUMO

Objetivou-se compreender a saúde mental de adolescentes no período de isolamento social, vivenciado a partir da pandemia de COVID-19, buscando conhecer quais contextos de risco e proteção estão disponíveis nas conexões existenciais formadas pelos adolescentes, investigadas através da entrevista narrativa e avaliada sob a perspectiva da análise de conteúdo pautada pela hermenêutica intercristica de Macedo (2009), ou seja, quais condicionantes aumentam a probabilidade de que se suceda alguma consequência indesejável à saúde e quais elementos estão ligados aos recursos pessoais e subjetivos que diminuem a produção do risco. Os resultados foram organizados em três temas: repercussões da vivência em isolamento; o isolamento como ponte de aproximação intrafamiliar; e os sentidos manifestos pelo afastamento temporário da escola. Notou-se um grau de sofrimento psíquico relevante na vivência dos estudantes no isolamento, ainda que a maioria tenha criado projetos de sentido para o enfrentamento dessas condições e tido a família como rede de apoio. Atestou-se como significação coletiva o reconhecimento da importância da escola na proteção das condições de vida dos adolescentes. Conclui-se que o isolamento social proporcionou um momento de contemplação dos estudantes frente a esse período extraordinário. Assim, ratificou-se a importância da escola pública na vivência de adolescentes.

**Palavras-chave:** Adolescência. Coronavírus. Entrevista narrativa. Escola. Saúde mental.

## ABSTRACT **NARRATIVES ON THE MENTAL HEALTH OF ADOLESCENTS IN CORONAVIRUS TIMES**

The objective was to understand the mental health of adolescents in the period of social isolation, experienced from the pandemic of COVID-19, seeking to know which contexts of risk and protection are available in the existential connections formed by adolescents, investigated through the narrative interview and evaluated from the perspective of content analysis guided by Macedo's intercritical hermeneutics (2009), that is, which conditions increase the likelihood that an undesirable consequence will happen health and what elements are linked to personal and subjective resources that reduce the production of risk. The results were organized into three themes: repercussions of the isolation experience, the isolation as a bridge for intra-family approximation and the meanings manifested by the temporary withdrawal from school. A significant degree of psychological distress was noted in the students' experience in isolation, even though most of them created meaning projects to face these conditions and had the family as a support network. Collective recognition of the importance of school in protecting adolescents' living conditions was attested as a collective signification. It is concluded that the social isolation provided a moment of contemplation for the students in the face of this extraordinary period. Thus, the importance of the public school in the experience of adolescents was ratified.

**Keywords:** Adolescence. Coronavirus. Narrative Interview. School. Mental Health.

## RESUMEN **NARRATIVAS SOBRE LA SALUD MENTAL DE LOS ADOLESCENTES EM TIEMPOS CORONAVIRUS**

El objetivo fue comprender la salud mental de los adolescentes en el período de aislamiento social, vivido a partir de la pandemia de COVID-19, buscando conocer qué contextos de riesgo y protección están disponibles en las conexiones existenciales formadas por los adolescentes, investigadas a través de la entrevista narrativa y evaluadas desde la perspectiva del análisis de contenido guiado por la hermenéutica intercrítica de Macedo (2009), es decir, qué condiciones aumentan la probabilidad de que se produzca una consecuencia indeseable. suceder la salud y qué elementos están vinculados a recursos personales y subjetivos que reducen la producción de riesgo. Los resultados se organizaron en tres temas: repercusiones de la experiencia en aislamiento, el aislamiento como puente de acer-

camiento intrafamiliar y los significados manifestados por el retiro temporal de la escuela. Se notó un grado significativo de malestar psicológico en la experiencia de los estudiantes en el aislamiento, aunque la mayoría de ellos crearon proyectos significativos para enfrentar estas condiciones y tuvieron a la familia como red de apoyo. El reconocimiento colectivo de la importancia de la escuela en la protección de las condiciones de vida de los adolescentes se atestiguó como un significado colectivo. Se concluye que el aislamiento social brindó un momento de contemplación para los estudiantes frente a este período extraordinario. Así, se ratificó la importancia de la escuela pública en la experiencia de los adolescentes.

**Palabras clave:** Adolescencia. Coronavirus. Entrevista narrativa. Colegio. Salud Mental.

## Introdução

A saúde mental é um tema complexo e de amplo interesse de investigação nas áreas do conhecimento e em suas respectivas aplicabilidades e práticas. A questão da saúde mental ganha um contorno especial na contemporaneidade justamente por causa dos atravessamentos culturais, históricos, econômicos, políticos, religiosos e ideológicos, próprios do período. No recorte temporal e local atual, há marcas indeléveis desses atravessamentos problematizados como “sociedade do cansaço” (HAN, 2017), “mundo líquido” (BAUMAN 2001), “sociedade do consumo” (BAUDRILLARD, 2008), perpassadas pela “necropolítica” e pelo “colonialismo” (MBEMBE, 2011) que, em linhas gerais, apontam para vivências humanas tingidas pelo produtivismo, alta performance, competitividade, individualismo, esgarçamento das relações socioafetivas, consumismo desenfreado e acrítico, construção de identidades homogêneas e massificadoras, suspensão de direitos e desumanização nos níveis micro e macro sócio-político, sendo apontados, portanto, como contextos para o processo de adoecimento da humanidade. Não é por menos que a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que 20% da população mundial

sofre algum tipo de transtorno mental. Dentre esses transtornos, destaca-se aqueles caracterizados por algum tipo de autoagressão.

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) Brasil (2018), morrem por ano 800 mil pessoas por suicídio, representando, no caso dos jovens entre 15 e 29 anos, a segunda maior causa de morte no mundo, tratando-se, portanto, de um grave problema de saúde pública. No período entre 2011 e 2016, as notificações de autoagressão e tentativa de suicídio na faixa etária da adolescência entre 10 e 19 anos foram expressivas no Brasil (BRASIL, 2017), oportunizando, com isso, a criação da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, representada pela Lei nº 13.819/19 que determina a notificação compulsória por estabelecimentos de saúde e de ensino públicos e privados de casos de violência autoprovocada, tentativas de suicídio e suicídio consumados (BRASIL, 2019).

Segundo a literatura, os transtornos psicológicos vividos pelos adolescentes são demonstrados a partir de vivências com *bullying*, seja o estudante agressor ou vítima, com o fenômeno da insatisfação corporal, por baixa autoestima, pela depressão, pela violência

doméstica, pela pressão e estresse para o ingresso em cursos superiores via o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Muitos desses adolescentes agravam seus estados de saúde por conta do uso de substâncias psicoativas, tentando dar conta de uma menor crença na autoeficácia para aplacar as aflições causadas por abuso sexual por causa das dificuldades de enfrentamento e resolução de problemas, entre outras difíceis questões que trazem no âmago de suas fragilidades ou até as disfunções nos vínculos socioafetivos (GARCIA et al, 2018; SOUZA; TEIXEIRA, 2016; BURGOS et al, 2018; CRONEMBERGER et al, 2019).

Um aspecto novo emerge em meio aos contextos contemporâneos impactando sobremaneira a humanidade. Insta, portanto, pensar a saúde mental nas restrições sociais propiciadas pela COVID-19, o que, indubitavelmente, implica compreender esse período específico e algumas questões já conhecidas sobre a subjetividade humana e, de modo particular, a saúde mental de adolescentes.

Segundo aponta Dunker (2020), os desejos e expectativas são influenciados não só pelo passado e presente, mas pela projeção do futuro e de sonhos que se formam a fim de movimentar as pessoas em direção a projetos. Para tanto, existe uma perspectiva de controle que se gera com a intenção de apreensão e dominação da realidade, principalmente no que diz respeito à forma de se relacionar com os outros e com a natureza. Por conta dessa imprevisibilidade causada pela pandemia, a angústia, que é constitutiva, se mostra ainda mais reveladora no tempo presente, desalojando o homem contemporâneo de suas certezas.

Ainda para o autor, percebe-se que a vivência com o novo coronavírus atravessou processos característicos que o Brasil tem experienciado, no tocante à segmentação social de narrativas e à vulnerabilidade econômica de

certas coletividades, bem como o desmonte de direitos trabalhistas. Boaventura de Souza Santos (2020) alerta sobre “a quarentena da quarentena” configurada pelo agravamento das condições de vida de grupos sociais já marginalizados dos processos decisórios, políticos, econômicos e educacionais, sinalizando, com isso, as desigualdades existentes na vivência do isolamento social como determinação de saúde para prevenção ao vírus.

Outro aspecto também debatido pelo Boaventura de Souza Santos (2020) concerne ao acesso aos serviços de saúde, considerando as iniquidades sociais, como distância dos serviços, o abarrotamento dos atendimentos e as condições de estrutura da rede de atenção à saúde, o que causa a cronificação ainda maior de problemas substanciais. Para o autor, a fragilização de pessoas já invisibilizadas, inclusive no que diz respeito às condições de sofrimento psíquico, acaba por ser maior, já que essas assimetrias geram, naqueles que não estão habituados a essas questões, pânico e apatia.

O tema da saúde mental é vinculado a campos complexos de conhecimento que podem ser ligados a uma visão biomédica, em que o sofrimento psíquico e as suas dificuldades de elaboração simbólica são marcados pelo manejo dos sintomas de forma problemática, pelas crises de produção de sentido e pelas barreiras nas conexões existenciais e interacionais. Todavia, esta noção não é a única mediação para o entendimento da saúde mental, já que o processo de saúde-doença pode ser englobado também a partir da sua relação com a positividade, no que diz respeito às capacidades e potencialidades da vida, constituindo, assim, uma perspectiva mais integradora, no qual o ser humano e suas experiências são compreendidas por uma lente biopsicossocial e idiossincrática (AMARANTE, 2007; FILHO, 2011; GOMES; MERHY, 2014).

A compreensão de saúde mental percebida pelos autores se dá por meio da análise das condições de vida dos sujeitos, entremeadas pelas distintas realidades que se constituem intrincadamente e que são simbolizadas de maneira particular por cada indivíduo através da realização de leituras de mundo personalizadas. Nesse sentido, o debate sobre saúde mental em uma perspectiva psicossocial se faz oportuno nas mais diversas instituições, a fim de serem ampliados os saberes, já que, por vezes, se encontram cristalizados em noções patologizantes, universalizantes e biologicistas. A comunidade escolar, por sua vez, é um espaço privilegiado na implementação dessas discussões, dado que reúne adolescentes em processo de conscientização, desdobramento da consciência crítica-reflexiva e desenvolvimento da autonomia.

Assim, por meio de um projeto de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), que se encontra em andamento, sendo devidamente aprovado pelo Comitê de Ética por obedecer todos os parâmetros para pesquisa com humanos, objetivou-se realizar uma pesquisa-formação envolvendo professores, técnicos pedagógicos, auxiliares, além de estudantes do Ensino Médio e os próprios pesquisadores proponentes sobre temáticas e compreensões ligadas à saúde mental que sejam de interesse da comunidade escolar como um todo, além de tornar conhecidos os contextos de risco e proteção relativos a esses fenômenos. Também propôs-se analisar a dinâmica e as reverberações do processo formativo, no que diz respeito ao andamento dos encontros e as resoluções formuladas por estes.

A instituição educacional que propiciou acesso aos estudantes entrevistados, segundo a gestão, apresentou inquietações sobre a saúde mental, sobretudo as relativas à ob-

tenção de estratégias de cuidado com os estudantes. Além disso, percebeu-se uma preocupação com particularidades da escola pública e sua defasagem formativa no enfrentamento de questões complexas de saúde mental. Outro assunto pertinente à escola é munir-se de recursos e conhecimentos para aprofundar sua relação com os estudantes e suas necessidades interpessoais e afetivas.

Com a crise pandêmica provocada pelo novo Coronavírus (COVID-19), que teve seu primeiro caso notificado na cidade de Wuhan na China, em dezembro de 2019, e em poucos meses disseminou-se ao redor do planeta, o isolamento social tem sido a alternativa mais eficaz de prevenção da doença. Dessa forma, alterações no funcionamento de serviços, ou ainda, o fechamento do comércio e de instituições públicas e privadas têm modificado a maneira como a dinâmica social vem se dando no mundo, interrompendo, com isso, o desenvolvimento do projeto supracitado (CRONOLOGIA..., 2020).

Com isso, houve um ajustamento da investigação da pesquisa de maneira virtual. Mantendo o tema sobre saúde mental, buscou-se aliá-lo ao fenômeno da vivência dos adolescentes na situação de isolamento social, já que os pesquisadores compreenderam que essa vivência seria uma oportunidade singular dado as paralisações presenciais das atividades escolares, bem como a relevância de realizar análises sobre a história de vida de adolescentes no contexto hodierno (SANTOS et al., 2014).

No tocante à discussão sobre saúde mental com adolescentes, a literatura aponta sua ampla relevância, já que esse período da vida apresenta maior vulnerabilidade ao sofrimento psíquico e pode, se negligenciada, perdurar pela fase adulta agravando as problemáticas vivenciadas (SILVA et al., 2018). Outro ponto de pertinência na realização da presente pesquisa se vê demonstrado pela própria faixa etária

escolhida, já que a adolescência é compreendida como um momento do desenvolvimento em que há não só transformações biológicas, mas também subjetivas, pois o jovem, a partir desse novo processo biopsicossocial, se vê em busca de uma “independência” frente às figuras parentais, construída por meio de novas experiências e situações que podem colocá-los em risco, a depender de componentes importantes como a qualidade das relações familiares, escolares, comunitárias, e mesmo através das condições culturais e morais relativas à sociedade (PATIAS et al., 2016).

Dessa maneira, na proposta já ajustada, objetivou-se compreender a saúde mental de adolescentes no período de isolamento social, vivenciado a partir da pandemia de COVID-19, buscando conhecer quais contextos de risco e proteção – ou seja, quais condicionantes aumentam a probabilidade de que se suceda alguma consequência indesejável à saúde e quais elementos estão ligados aos recursos pessoais e subjetivos que diminuem a produção do risco – estão disponíveis nas conexões existenciais (MERHY, 2014) formadas pelos adolescentes, isto é, as formas de produção de vida tecidas a partir da vivência em territórios ocupados transversalmente, investigadas a partir da entrevista narrativa organizada por Jovchelovitch e Bauer (2010) e avaliada sob a perspectiva da análise de conteúdo pautada pela hermenêutica intercristica de Macedo (2009).

## Percurso metodológico

Uma metodologia crescente nas pesquisas humanas e sociais na tentativa de compreensão das histórias de vida é a utilização da abordagem narrativa, que é a maneira pela qual se (re)contam e (re)memoram experiências significativas e sua relação com o passado, presente ou futuro. Essa metodologia tem desdobramentos no processo identitário, uma vez

que o ato de narrar é vivenciado e instado a reflexões acerca do conhecimento de si (JOS-SO, 2007). A narrativa, portanto, une a ótica dos informantes com a do pesquisador, tecendo conjuntamente compreensões a respeito dos fenômenos sociais sob os signos interpretados intersubjetivamente (SOUSA; CABRAL, 2015), além de narrativas que trazem as histórias de si serem provocadoras de situações acidentais, articulando dimensões sobre a vida e a formação (SOUZA, 2020).

Em concordância a Benjamin (1985), através de um resgate histórico, anterior a contemporaneidade, é possível visualizar a diminuição das narrativas coletivas, propiciada pelo uso massificador das tecnologias, ou seja, uma paulatina substituição das “grandes narrativas”, oriundas da contação de histórias comunitárias, dado que na contemporaneidade as “pequenas narrativas” ganham maior destaque na simbolização do mundo. O caráter individualista e restrito das novas interpretações de mundo finda por promover a alienação social e a perpetuação de consciências apolíticas. Entretanto, por meio da contextualização das narrativas sob o olhar histórico-cultural há a possibilidade de superação desse egocentrismo, rumo ao enraizamento e à construção do pertencimento sociogrupal e geracional (GOODSON; PETRUCCI-ROSA, 2020).

Assim, a produção da rememoração (auto) biográfica auxilia na localização das narrativas de identidade pessoal e centraliza a trajetória existencial humana perante suas interações dentro da estrutura social vivida pelos sujeitos da investigação, o que possibilita o reconhecimento de esquemas conceituais criados nessas mediações de mundo, que por sua vez são experimentadas de forma única, já que são significadas a partir da vivência histórica singular das pessoas (WELLER; ZARDO, 2013).

A entrevista narrativa proposta por Jovchelovitch e Bauer (2010) foi esquematizada

de forma que melhor se dispusesse analisar os cursos de vida das pessoas, estimulando os informantes a narrarem eventos signifi-

cativos. Dessa forma, possui algumas etapas que serão visualizadas no quadro que se segue:

**Quadro 1** – Fases principais da entrevista narrativa

FASES PARA A ENTREVISTA	REGRAS PARA A ENTREVISTA
Preparação	Estudo de campo (leitura e exploração de materiais); Formulação de questões exmanentes, isto é, indagações formuladas pelo pesquisador, que por sua vez distingue-se das questões imanentes, aquelas que serão formuladas pela narrativa dos informantes.
Iniciação	Formulação do tópico inicial; Emprego de materiais visuais (opcional).
Narração central	Não interromper; Somente encorajamento não verbal ou para-linguístico para continuar a narração; Esperar para os sinais de finalização (coda).
Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”; Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes; Não discutir sobre contradições; Não fazer perguntas do tipo “por quê?”; Ir de perguntas exmanentes para imanentes.
Fala conclusiva	Parar de gravar; São permitidas perguntas do tipo “por quê?”; Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

**Fonte:** Jovchelovich e Bauer (2010).

Além da contação de experiências, leva-se em consideração os elementos paralinguísticos envolvendo a entrevista, tais como o tom da voz, o silêncio, os momentos de hesitação, mudanças de entonação, entre outros. Todavia, no presente método de pesquisa, houve algumas adaptações, já que devido às circunstâncias vividas, a entrevista narrativa ocorreu individualmente, de maneira *on-line* e assíncrona via aplicativo WhatsApp, isto é, tanto por meio de áudios enviados como por meio de texto. Nesse tocante, acolheu-se as singularidades comunicacionais proporcionadas por esse tipo de colheita, como as que se referem a gramática, regência verbal e ortografia

ligadas à linguagem abreviada, às gírias e aos populares “emojis”, característicos desse tipo de linguagem que surgiu como via perceptiva para leitura e análise desse material.

Essas entrevistas partiram da seguinte questão disparadora das narrativas: “Gostaríamos que você contasse um pouco a sua vivência diante da pandemia de COVID-19”. As entrevistas foram feitas no período de 8 a 12 de julho de 2020, envolvendo dez adolescentes, divididos em cinco pessoas do gênero feminino e cinco pessoas do gênero masculino de uma escola estadual periférica em Juazeiro (BA), com informações socioeconômicas correspondentes a: matrícula no 9º ano do Ensino

Fundamental e 3º ano do Ensino Médio; idade entre 14 e 18 anos; todos tinham como ocupação exclusiva estudar; com orientação sexual variando entre heterossexualidade, bissexualidade, uma estudante que não soube informar e uma adolescente lésbica; quanto à raça, houve declarações ligadas à cor parda, negra e uma citação sobre ser “moreno” e, por último, a renda salarial familiar entre menos de um salário até a marca de três salários-mínimos.

Pode-se compreender que a metodologia empregada, isto é, a comunicação virtual, pode ter causado o fenômeno de reticência e pontualidade nas respostas dos estudantes, pois pressupõe-se que a dinâmica proporcionada pela proximidade causada em encontros presenciais poderia estimular mais a comunicação e implicação na investigação proposta. Outra questão relevante é que a entrevista virtual, no aplicativo usado, que possibilita a exclusão de mensagens simultâneas, fez com que alguns alunos apagassem respostas das quais eles se arrependiam de ter falado, não sendo registrado, portanto, essas nuances.

O material das entrevistas foi transcrito em sua literalidade, com correções de pontuação, sendo modificadas também algumas orações que apontavam a necessidade de concordância verbal, para uma melhor compreensão e viabilidade por meio da análise de conteúdo pautada pela hermenêutica intercrítica de Macedo (2009), no qual inicialmente o pesquisador volta-se reflexivamente sobre suas questões norteadoras a fim de avaliar a relevância dos dados obtidos pela investigação, isto é, uma leitura do material obtido pelas entrevistas e uma problematização quanto a sua correspondência aos objetivos. Essa etapa indica a construção inicial do *corpus* empírico, em que posteriormente vão se produzindo algumas considerações, ainda que (in)conclusivas sobre o objeto de estudo por intermédio da

redução fenomenológica, isto é, são separadas as questões que são essenciais ao questionamento central da pesquisa. Tudo isso se deu por meio de elaborações tecidas a partir dessas leituras em um arquivo à parte, no qual o que “saltava aos olhos” da pesquisadora era parafraseado.

Assim, foram apreendidos temas emergentes e significativos quanto aos objetivos para, a partir daí, agrupar esses elementos em noções subsunçoras, também denominadas por categorias analíticas que, por sua vez, acolheram e costuraram esses conteúdos em elaborações que se darão a seguir no texto. Essa síntese final corresponde as considerações que visaram responder aos questionamentos iniciais de maneira crítico-reflexiva, sem, contudo, impossibilitar a recorrência a mais problematizações.

Logo, reuniu-se algumas noções subsunçoras que serão fecundamente discutidas a fio, através de compreensões multirreferenciais. Viabilizou-se, com isso, uma interpretação ampla sobre os fenômenos investigados dada a sua relação com as coletividades.

As respostas foram analisadas a partir das orientações balizadas pelos objetivos, ou seja, a tentativa de compreender a saúde mental dos adolescentes no período de isolamento social, buscando conhecer os contextos de risco e proteção implicados nesse processo. Sendo assim, os conteúdos registrados da entrevista narrativa foram tematizados considerando os elementos que emergiram. Estes, por sua vez, foram organizados em contextos de risco e de proteção. A análise, portanto, que norteia a disposição dos resultados e, conseqüentemente, a discussão será atravessada via esses dois contextos. Os resultados foram organizados em três temas: repercussões da vivência em isolamento, o isolamento como ponte de aproximação intrafamiliar e os sentidos manifestos pelo afastamento temporário da escola.



## Repercussões da vivência em isolamento

Partindo de uma concepção integral e biopsicossocial da saúde mental, compreende-se que o entendimento sobre o estar saudável não se pauta apenas pela não experimentação de sintomas, mas pelo enlace subjetivo entre a criação e uso de mecanismos de defesa que amenizam o sofrimento e produzem a resignificação do mal-estar. Tendo em vista essas noções, foram encontrados relatos sobre a vivência de condições adoecedoras, bem como narrativas que apresentaram a produção de novos sentidos frente ao período de isolamento social causado pela pandemia do coronavírus.

No que tange ao processo de adoecimento, os achados demonstraram sentimentos ligados ao tédio, à tristeza, ao medo, à culpa, à frustração, ao desânimo, à ansiedade, no qual, em alguns casos, crises mais intensas foram relatadas e uma preocupação acentuada com o futuro diante das condições de mudanças impostas a eles.

Segundo uma revisão narrativa executada por Vasconcelos e demais autores (2020), que realizaram buscas entre 2018 a 2020 sobre produções que aludissem aos efeitos psicológicos provocados por quarentenas, essas sensações vividas pelos estudantes demonstram ser implicações comuns ao sentimento de “encarceramento” provocado pela medida de isolamento social. Outro ponto percebido nas respostas dos participantes é que aqueles que apresentavam condições de sofrimento pré-existentes sentiram seus sintomas se agravarem, como ratifica ainda a pesquisa acima mencionada. Algumas sentenças dos estudantes ilustram essas questões:

*Bom, tá sendo bem entediante quase não faço nada. A saudade da escola e dos amigos é grande ‘mais tamo’ levando como a vida quer, às vezes tristes, outras felizes, mas nada fora do co-*

*mum... ‘difícilmente’ eu fico triste, mas quando fico é por conta de saudades pensando quando essa quarentena vai acabar e alguns desentendimentos com familiares e amigos. (Narrador 03)*

*[...] o meu psicológico é tipo pensando nessas coisas, entendeu? Ainda mais porque a ansiedade afeta o psicológico da pessoa. E isso vem me prendendo cada dia que passa, entendeu? Cada dia que passa que eu vejo no jornal as coisas que vem acontecendo, isso também vem me prendendo muito, e o medo de sair na rua e tal. (Narradora 02)*

Sabe-se que a adolescência é um período do desenvolvimento que requer cuidados e proteção a esse público, dado que agravos psicossociais podem infligir o processo de saúde-doença dos mesmos. Dessa maneira, contextualizando o cenário brasileiro, vê-se que em serviços voltados ao público juvenil, como os Centros de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPS), verifica-se que dentre os atendimentos realizados aponta-se para a prevalência da depressão, dos transtornos de ansiedade, do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, do transtorno por uso de substâncias e o transtorno de conduta, respectivamente (THIENGO; CAVALCANTE; LOVISI, 2014). Ressalta-se, todavia, que o perfil nosológico de atendimentos se altera mediante questões regionais, devido às variações culturais.

Dessa maneira, eventos com potencial prejuízo à saúde podem agravar as condições mencionadas, a exemplo do isolamento social que torna os adolescentes ainda mais vulneráveis aos riscos provocados e complexificados pela pandemia. Isso pode ser demonstrado na fala a seguir:

*Antes de começar tudo, isso da pandemia, eu tinha acabado de sair de uma depressão praticamente... aí volta esse negócio de ansiedade, essas coisas, e é medo de entrar de novo, entendeu? (Narradora 02)*

Um dos fatores que influenciam essa questão são as barreiras que constituem a dificul-

dade de acesso aos serviços de saúde que, por sua vez, estão em período de escassez de atendimentos graças ao coronavírus e as complicações proporcionadas ao sistema de saúde (RIBEIRO, 2021). Nesse tocante, entende-se que há a necessidade de criação de políticas de tratamento singulares para esse público durante e após a pandemia (THOMAS; ROGERS, 2020; ZHU et al., 2020). É preciso salientar que em se tratando dos casos específicos relativos a esta pesquisa, foi sugerido aos estudantes a inscrição em projetos de pronta escuta e atendimentos psicológicos virtuais locais.

Um dos apontamentos que revelou pertinência foi a tonalidade afetiva do tédio, que corresponde, segundo uma perspectiva heideggeriana (HEIDEGGER, 1988), a um despertar para a ausência de autenticidade em como está sendo projetada a existência do homem no mundo. O momento presente, no qual a natureza conclama uma crise planetária motivada pelos excessos e desequilíbrios humanos, tem colocado o ser ante a sua inexorabilidade e finitude, ancorando-o na realidade, sem os já conhecidos subterfúgios produzidos pela ordem capitalista e a intensa jornada diária de distratores no encontro de si.

Dessa feita, a marca excepcional deste tempo pode ser fecunda a medida em que os conflitos produzidos pelo desapropriamento germinem em novas atribuições de sentido às coisas e ao mundo outrora dado. Desse modo, colocando em perspectiva o narcisismo humano que produz catástrofes em cadeia, perante as incertezas e impotências vivenciadas por conta da pandemia, talvez consiga-se produzir de fato mudanças subjetivas e, ainda, socioestruturalmente importantes para uma melhor convivialidade e religação conosco e com a natureza, dada a nossa desconexão sepulcral com o sentido singular da existência.

Por esse ângulo, o tédio se mostra como uma virtude para a experiência de reencontro

de projetos existenciais e por uma busca de atribuição de significado única e indivisível. Esse estado afetivo se liga ao tempo, espaço e a uma sensação desagradável, portanto, para compreendê-lo, é importante estar atento às suas características (PÓ, 2015). Assim, visto que os resultados encontrados pela pesquisa sinalizam relatos de criação no isolamento, como aprender atividades novas ou, ainda, realizar atividades prazerosas como andar a cavalo, cuidar de animais, plantar, cozinhar, edição de vídeos, praticar esportes, jogar, escutar músicas, lecionar e ler, nota-se que o tédio se portou como caminho para a inventividade e originalidade, já que o mundo virtual, realidade comum aos adolescentes pôde ser desativado, ainda que temporariamente, ou revisitado de forma significativa para os participantes do estudo, como se pode notar nas colocações a seguir:

*A minha quarentena tem sido de descobertas e aventuras (em casa). Estou tentando coisas novas em casa. Já me aventurei na área da culinária, dos esportes. Tenho ajudado os meus primos com os estudos (tudo via internet). Tenho assistido muita série, real... Mas sempre estou fazendo algumas coisas... Também comecei a ler 'Orgulho e preconceito' da Jane Austen. (Narradora 05)*

*Sou administrador de um jogo... vou começar a receber eu acho semana que vem. (Narrador 01)*

*Eu vim para o interior para a casa de minha mãe. Aqui estou indo para a roça às seis da manhã, faço alguns trabalhos lá à tarde, ando de cavalo e dou uma caminhada. Venho embora para casa à noite e assisto algum filme ou série... sempre tem algo para fazer. 'Tmb' tem os animais que eu posso cuidar. (Narrador 04)*

Outra importante questão que surgiu como válida para registro neste trabalho se deu no apontamento das diferenças entre os gêneros, quanto às obrigações da vida doméstica, como já amplamente apontado pela literatura em condições de vida anteriores à pande-

mia, sugerindo que o machismo sinaliza uma desigualdade e um contexto de risco para as adolescentes, visto que pode impor sobrecarga no cotidiano feminino como pode-se perceber nas falas que se seguem *“Minha rotina é organizar as coisas (arrumar a casa) no momento porque não está tendo colégio e nem o curso”* (Narradora 10); *“arrumo a casa”* (Narradora 06); *“ajudo minha mãe a arrumar a casa”* (Narradora 09). Essa condição de sobrecarga durante a pandemia impactou ainda mais a vida das mulheres, sobretudo as negras, dado que as funções domésticas se somaram com mais intensidade a de outros âmbitos (MACÊDO, 2020; OLIVEIRA, 2020).

Um outro ponto relevante que conversou com a literatura foi a ratificação da importância do auxílio emergencial (CORREIA et al, 2020) como uma política imprescindível para a reparação de injustiças sociais neste momento emblemático da pandemia, dado que a mesma possibilitou ainda que minimamente a garantia de proteção social, como verificado na fala que se segue: *“Temos renda extra... como eu e minha mãe moramos sozinhas, o auxílio emergencial consta R\$1200,00... e o bolsa família... R\$150,00 a R\$200,00”* (Narradora 05). Não se pôde deixar de notar que a questão da vulnerabilidade social esteve atrelada à raça, dado que a população integral do estudo se auto-declarou preta ou parda, compondo assim um contexto de risco à saúde desses estudantes, o que mais uma vez confirma o que a literatura fala sobre os agravos vivenciados por esse público, intensificando essas iniquidades já existentes na pandemia (SOUZA, 2021).

É possível evidenciar através do que foi discorrido até então alguns contextos de risco e proteção imbricados nos modos de produção de vida dos adolescentes. No que diz respeito ao processo de saúde-doença, pode-se apontar como risco características ligadas ao gênero, à raça e à classe social, bem como as

condições pré-existentes de adoecimento psíquico, tal como a vivência de reclusão oportunizada pela pandemia, como fator agravante de estreitamento a rede de conexões existenciais, necessárias a construção de sentido intersubjetivo e pela confecção artesanal-plural de planos de cuidado (MERHY, 2014).

Ainda mencionando aspectos prejudiciais, vê-se que a ansiedade e o desânimo em uma perspectiva de aceleração e hiperatenção nos modos de vida demonstram a troca do paradigma da negatividade pelo da positividade, no qual o desempenho opera sempre pela maximização, não sobrando tempo para a contemplação e encontro consigo e com as problemáticas pertinentes à vida (HAN, 2017). Dessa maneira, o desânimo denota um recolhimento necessário, mas que é apontado pelos adolescentes na pesquisa como um sinalizador limitativo, podendo-se notar a partir da fala da Narradora 09: *“me sinto meio incapaz de fazer qualquer coisa, é tipo uma preguiça”*. Sugere-se, portanto, que a falta de reflexão sobre essas temáticas pode causar sofrimento.

Quanto aos contextos de proteção, notou-se que a resiliência, a crença de autoeficácia e a fabricação criativa de projetos para o isolamento se mostraram imprescindíveis para a simbolização dessa nova realidade, auxiliando, desse modo, os estudantes a amenizar a angústia experienciada e gerar novas narrativas a respeito de si e de suas potencialidades, como apontado pelo Narrador 05 quando diz ter aprendido novas coisas, explicitando ainda novos conhecimentos sobre si e oportunizados via o momento histórico que se irrompeu.

## O isolamento como ponte de aproximação intrafamiliar

A família em suas diversas configurações e arranjos pode ser sublinhada como um núcleo importante de socialização e mediação educa-

tiva dos indivíduos para outros âmbitos coletivos, exteriores à sua composição. Diversos formatos compuseram os relatos dos estudantes, desde o estilo de família monoparental feminina e masculina àqueles formados por matrimônio e união estável.

Com relação às reverberações suscitadas através do isolamento social e do agregamento domiciliar, os participantes da pesquisa anunciaram uma maior aproximação com os familiares, expressando melhor relação, na qual, como causa para isso, os adolescentes apontaram o tempo que estão tendo a mais para interagir. Ademais, citaram também como particularidade dessa proximidade a resolução de conflitos, maior harmonia e afinidade, além do desenvolvimento de afeto e vinculação, bem como a saúde do núcleo familiar exterior ao central. Como se pode notar nas asserções que se seguem:

*Nos últimos 8 meses 'n' era das melhores (se referindo a relação com a família). Mas, por agora tá legal... como passamos mais tempo em casa fazemos coisas 'q n' fazíamos antes... Assistir filmes juntos, cozinhar, dividir a arrumação da casa e conversar sobre coisas boas. (Narrador 08)*

*Eu acho que essa quarentena veio para nos mostrar o quanto somos orgulhosos (no geral), 'pq', às vezes deixamos alguns familiares de lado, mas eu percebi que a quarentena me aproximou mais dos meus parentes... Parentes que eu pensava: 'Não preciso visitar, 'pq' não tenho contato'. Percebo o quanto faz falta visitar esses familiares. (Narradora 05)*

É consenso que a família é responsável pela transmissão de normas, valores, regras e hábitos que formarão o comportamento social das pessoas frente ao espaço público, ainda que as atitudes e condutas possam modificar-se a partir do contato com outras experiências. No que tange às competências socioemocionais e habilidades sociais de crianças e adolescentes, a família se mostra como um lugar

privilegiado na exteriorização de emoções e sentimentos, no desenvolvimento de afeto e de relações íntimas e profundas (SALES, 2016).

Como exposto acima, essas questões são necessárias ao desenrolamento de interações com o mundo e com os outros nas demais etapas da vida, por requererem um processo emancipatório. Assim, vê-se que condições sinalizadas como importantes para a produção de saúde mental dos adolescentes entrevistados, estão sendo viabilizadas pelas famílias, notando-se em especial, que o isolamento, tem possibilitado a criação de mais oportunidades para experiências de acolhimento, cuidado, união e proteção, pelo simples fato de oportunizar a presença no âmbito doméstico, o que foi marcado pelos jovens como importante: *"ficar dentro de casa com a família é bom"* (Narrador 01).

Visto que somos ontologicamente seres de produção de sentido (HEIDEGGER, 1988) e capazes de "ser mais" (FREIRE, 2018), indica-se imprescindível a problematização dos modos de vida contemporâneo, dado que se apresentam de forma acelerada, marcada pela mercantilização do trabalho e educação excessivamente produtivista e bancária (FREIRE, 2018) que, por sua vez, repelem a tematização e reflexão da vida e das experiências, impossibilitando o desenvolvimento existencial.

A ausência de recursos para uma educação positiva por parte da família ocasiona, juntamente com outros condicionantes materiais e simbólicos, prejuízos e sofrimentos para os adolescentes, como demonstra a revisão de literatura formulada por Sales (2016), já que o afeto, as negociações mútuas, o diálogo, a promoção de autoestima e o incentivo à autonomia são mecanismos de evitação de riscos ao desenvolvimento de uma vida problemática e mais vulnerável a crises. Nota-se na frase a seguir uma demonstração do que foi explicitado anteriormente:

*Tipo, ficar com minha família e fazer programas em casa mesmo... Muito melhor. Em relação a convivência de aprender a lidar uns com o defeito dos outros. A ter mais afeto... aproximação. Até mesmo de tempo a mais para conversamos. (Narradora 10)*

## Sentidos manifestos pelo afastamento temporário da escola

A aprendizagem na história da humanidade se dava pelas relações e observações da vida prática no cotidiano. Com um tempo, mais especificamente na Idade Média do mundo ocidental, a escola se funda enquanto instituição para uma transmissão especializada de conhecimentos, embora se restringisse apenas a elite. A partir da revolução industrial, a escola passa a possuir um sentido de instrumentalização e preparação dos estudantes para a assunção de regras e conhecimentos necessários à vida adulta. Por se constituir como um direito, a partir da luta de classes trabalhadoras (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2019), a instituição escolar se mostra também como um espaço possível de promoção de saúde, desde que a mesma seja coconstruída visando respeito às individualidades, pautando-se pela colaboração, estimulando a participação ativa e reflexiva, além de intencionar a produção de habilidades importantes para a proteção da saúde e das condições de vida, reforçando com isso, o bem viver (VIEIRA et al., 2017).

Partindo dessa concepção crítica e humanista, o processo educacional não se dá apenas pela aprendizagem de competências técnicas, conteudistas e profissionalizantes, mas concede valor às experiências, objetiva o estímulo da amorosidade nas relações, a participação política, a redução das desigualdades sociais, o comprometimento com o desenvolvimento da ciência e da ética. Ainda assim, a realidade escolar se mostra, muitas vezes, pressionada

a cumprir papéis exploratórios e de perpetuação de um poder servil, que implicam, portanto, sofrimento para a comunidade escolar.

Desse modo, alguns sentidos retrataram a opinião dos adolescentes a respeito da escola, que manifestaram reverberações com significados de potência, mas também de prejuízo para a saúde, sendo eles: a menção de que, no início da pandemia, a maioria dos estudantes gostou da pausa, mas depois o sentido que se presentificou foi a falta da escola demonstrada pela relação dos mesmos com os amigos, professores e com a rotina de estudos – *“eu como todos os adolescentes falava mal da escola, mas esse isolamento me fez pensar diferente... sinto falta de estudar, professores e amigos”* (Narradora 02); *“por conta disso da saudade dos colegas, eram boas gargalhadas que dávamos, e também das aulas presenciais que fazem falta* (Narrador 07); foi percebido ainda que poucos tem conseguido estudar *“me sinto ansiosa metade do tempo”* (Narradora 09), apesar de reconhecer a importância disso para a aprendizagem; alguns adolescentes chegaram a relatar que o papel da escola representa uma fuga de sua realidade e a ocupação do tempo *“pelo menos na escola... você tá esquecida do mundo, e dentro de casa não”* (Narradora 02); notou-se que os estudantes veem a escola como uma via para a profissionalização *“se não for a escola eu não consigo um emprego”* (Narrador 03), alguns adolescentes mostraram receio em relação a como será o processo de escolarização com o momento de volta às aulas pós-pandemia e como se darão as relações nesse processo, e ainda, no caso específico dos alunos do terceiro ano, o medo de não ir bem no ENEM *“provavelmente será ano que vem o ENEM... a ansiedade e o desânimo... me afetou um pouquinho”* (Narradora 05).

A escola, apesar de ser uma instituição disciplinar, isto é, que utiliza mecanismos de vigilância e controle dos corpos e das subjeti-

vidades, a fim de organizar, hierarquizar e ensinar saberes considerados importantes para os mecanismos de reprodução do poder instituído pela mesma (RODRIGUES, 2018), também se mostra um espaço profícuo para ações em saúde, posto que os estudantes passam uma grande parte do seu dia nesse ambiente, podem interagir com os demais participantes dessa comunidade, intercambiar conhecimentos e experiências, serem estimulados para a prática da cidadania e para a gestão de seu próprio cuidado (FAIAL et al, 2016). Assim, ainda que alguns estudantes tenham mencionado estarem felizes pelo hiato proporcionado pela pandemia do coronavírus, todos disseram sentir falta da escola. Como pode ser visto a partir da narrativa a seguir:

*Muito ruim (se referindo a estar longe da escola). Reclamava 'pq' tinha que ir. Porém... eu pensava que sem estudar eu não iria pra lugar nenhum... devemos dar valor à escola e aproveitar cada momento. Em algum momento da vida, eu vou sentir falta de estudar, e agora eu posso aproveitar para ser alguém melhor lá na frente. É pior 'pq' já tô fazendo o 3º ano. Só agora consigo enxergar isso. Já tô sentindo falta do colégio, mesmo sabendo que vou estudar mais um ano... Principalmente 'pq' gosto muito de ter aula de alguns professores, aí me motiva a estudar as matérias deles - confesso que não são todas as matérias. (Narradora 09)*

Vê-se que a escola se coloca para os adolescentes como um lugar de produção de vida e de rede de conexões existenciais, já que seus relatos enfatizaram a falta que as interações com amigos e professores fazem no seu novo cotidiano. A literatura aponta que a construção perceptiva sobre si e da identidade na adolescência é impulsionada a partir das relações que se estabelecem na escola.

Dessa forma, considerando a importância da comunicação, das trocas afetivas, da elaboração de vínculos e da solidariedade, a escola se mostra como imprescindível no crescimento

pessoal dos estudantes, constituindo-se como um lugar de promoção e proteção à saúde dos adolescentes (CARVALHO et al, 2017). Ratifica-se ainda que os conteúdos trazidos pelos estudantes apresentavam, ainda que latente, a importância da comunidade escolar no sentido do cuidado frente às realidades vividas e os problemas enfrentados por eles. A seguir, uma declaração de uma estudante sobre isso:

*Hoje a escola para mim tá representando tudo, tudo, tudo mesmo! Tipo, sem a escola, nós jovens e adolescentes não vivemos. Entende? E isso é uma coisa que tá dentro de mim. Então, a escola para mim representa um orgulho que tá fazendo falta... e aprendizado... essas coisas. (Narradora 02)*

Outro ponto importante foi apresentado pelos adolescentes, sendo já abordado como um sentido comum à escola, mas que muitas vezes equivocadamente é tido como único, por falta da problematização desse significado e sobre as outras diversas potencialidades do espaço escolar na vida dos estudantes – já que a mesma pode contribuir para a produção de projetos de vida, a partir não só da aquisição de habilidades técnicas, mas de competências socioemocionais –, se dá pela visão de que a instituição escolar serve como via para a aquisição de saberes técnicos e instrumentais a fim de projetar os estudantes para a profissionalização, como se vê na sentença a seguir:

*Sim, terminar o ensino médio, fazer faculdade e começar trabalhar. E aos poucos comprar tudo o que desejo. Porque esse ano eu iria terminar o ensino médio e meu curso e logo após gostaria de ter a experiência do meu primeiro emprego. (narradora 10)*

Ademais, uma preocupação relevante mencionada pelos adolescentes foi sobre o desempenho que os estudantes de terceiro ano apresentarão no ENEM, devido às circunstâncias provocadas pela pandemia, no que diz respeito ao fechamento das escolas e às de-

sigualdades apresentadas pelas diferenças na preparação dos estudantes de escolas públicas e privadas no país, dado as condições sociais e as desigualdades educacionais desses grupos. Logo, é necessário realizar uma análise crítica do sistema educacional brasileiro e de suas fórmulas de manutenção de iniquidades, somando, portanto, esforços com a sociedade civil e entidades de proteção de direitos dos adolescentes e da educação pública de qualidade, para a criação de um projeto educacional equitativo, de reparação de desigualdades e de promoção de justiça.

## Considerações finais

No presente estudo, a tentativa de compreender a saúde mental e os contextos de risco e de proteção à saúde dos adolescentes, na conjuntura acarretada pela pandemia, oportunizou conhecer, por meio da entrevista narrativa, os sentidos vivenciados nas relações estabelecidas com as pessoas, com o mundo e com o cotidiano experienciado na situação de isolamento social.

Notou-se como significação coletiva o reconhecimento da importância da escola e de sua dinâmica para a vida afetiva, tal como pela rede formada a partir de suas conexões existenciais. Percebeu-se também a compreensão de que os processos escolarizantes são vistos como intermédio para a apreensão de conhecimentos e técnicas que possibilitarão a profissionalização e a construção de projetos de vida dos estudantes. Ainda, pensando na escola, depreendeu-se que as desigualdades causadas pela diferenciação no acesso e qualidade da educação é uma preocupação para os estudantes.

Outro fator importante se deu na percepção de que os adolescentes que tinham vivências de sofrimento pré-existentes à pandemia estavam mais propícios ao risco de adoeci-

mento, bem como requeriam mais atenção no cuidado à saúde. Ademais, viu-se que diferenças entre os gêneros, a demarcação da raça e a vulnerabilidade econômica potencializam contextos de risco para os adolescentes. Nesse tocante, viu-se que o isolamento também operou processos, nos quais, através do momento de pausa oportunizado, foi possível realizar atividades para o encontro de si e para a construção de sentido, visto que a contemplação da vida tem sido preterida no dia a dia.

Constatou-se, ainda, que o agregamento domiciliar causado pelo isolamento social possibilitou a reaproximação dos adolescentes com suas famílias, ainda que só reconhecendo essa importância ou a necessidade de superar os esgarçamentos via as relações aliadas pelo estilo de vida da contemporaneidade.

Levando em consideração os resultados encontrados, é preciso apostar no fortalecimento e investimento de políticas de saúde territorializadas, dadas as condições periféricas e vulneráveis dos adolescentes investigados, como também dos marcadores socioeconômicos que caracterizam suas condições de vida. Além disso, a escola pública revelou a sua significativa participação como contexto protetivo na vida desses jovens, a despeito das suas limitações, o que também aponta para a necessidade de seu fortalecimento enquanto espaço de vínculos e solidariedades.

Esse estudo assinala o que já se sabe amplamente sobre a proteção social e de saúde de jovens periféricos, pobres e pretos: as políticas psicossociais devem, além de agirem transversalmente, alinhar-se com a realidade histórica temporal e salvaguardar os direitos dessa população para tentar reparar iniquidades sociais, já que a situação pandêmica revela agravos ainda maiores. Dessa feita, essas transformações podem tornar a vida dessas pessoas mais saudáveis, justas e potencializa-

das no que concerne aos aspectos ético-políticos e estéticos.

Ratifica-se, por fim, a importância de pesquisas que abordem os fatores de riscos e proteção voltados para saúde mental dos adolescentes, no contexto escolar, em situação de pandemia e mesmo pós-pandemia.

## Referências

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: SciELO-Editora FIOCRUZ, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica. Arte e Política - Obras Escolhidas 1*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 114-119.

BRASIL, Lei Federal 13.819 de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm). Acesso em: 15 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 3.588, de 21 de dezembro de 2017. Altera as Portarias de Consolidação nº 3 e nº 6, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre a Rede de Atenção Psicossocial, e dá outras providências. 2017. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3588\\_22\\_12\\_2017.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3588_22_12_2017.html). Acesso em: 15 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 13.819 de 26 de abril de 2019. 2019d. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?journal=515&pagina=1&data=29/04/2019&totalArquivos=62>. Acesso em: 13 jul. 2020.

BRASIL volta a ficar sem ministro da saúde em plena pandemia. **Isto é**, 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/brasil-volta-a-ficar-sem-ministro-da-saude-em-plena-pandemia/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia: Uma introdução ao estudo de psicologia**. Saraiva Educação SA, 2019.

BURGOS, Miria Suzana et al. Insatisfação corporal de escolares e sua relação com o estado nutricional real. **Psico**, v. 49, n. 3, p. 213-221, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/25915>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CARVALHO, Renato Gomes et al. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 34, n. 3, p. 379-388, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/n5xVR-6z3nMqY9NPTXZLwzJg/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CORREIA, Daniele et al. Auxílio emergencial no contexto de pandemia da COVID-19: garantia de uma proteção social?. **JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care** v. 12, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://jmphc.com.br/jmphc/article/view/1023>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CRONEMBERGER, Gerlany Leal et al. O corte da própria carne: comportamento autolesivo em mulheres adolescentes. **CIAIQ2019**, v. 2, p. 509-518, 2019. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2054>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CRONOLOGIA da expansão do novo coronavírus descoberto na CHINA. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/22/cronologia-da-expansao-do-novo-coronavirus-descoberto-na-china.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2020.

DUNKER, Christian. **A arte da quarentena para principiantes**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FAIAL, Lígia Cordeiro Matos et al. A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. **Rev Pró-Uni**, v. 7, n. 2, 2016. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/344>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FILHO, N. A. **O que é saúde?**. Rio de Janeiro: SciELO



-Editora FIOCRUZ, 2011.

FOLHA informativa – Suicídio. **OPAS BRASIL**, 2020. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839)>. Acesso em: 13 jul. 2020.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84806302.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2018.

GARCIA, Vanessa et al. Saúde mental na escola: experiências multiprofissionais de residentes em saúde nas escolas municipais de Uruguaiana/RS. **Anais...** Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 10, n. 3, 2018.

GOMES, Maria Paula Cerqueira; MERHY, Emerson Elias (Ed.). **Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2014.

GOODSON, Ivor F.; PETRUCCI-ROSA, Maria Inês. "Oi Iv, como vai? Boa sorte na escola!" notas (auto) biográficas constitutivas da história de vida de um educador. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 5, n. 13, p. 91-104, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7506>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. **Entrevista Narrativa**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 90-113.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro**: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe

no contexto da pandemia Covid19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912020000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012). Acesso em: 10 jul. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Espanha: Editorial Melusina, 2011.

OLIVEIRA, Anita Loureiro. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PATIAS, Naiana Dapieve; DA SILVA, Doralúcia Gil; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Exposição de adolescentes à violência em diferentes contextos: relações com a saúde mental. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 205-218, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/G9CPjqrYCjxnhyD4KckcR-fs/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde declara pandemia do novo coronavírus. **UNASUS**, 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

PÓ, Gabriela Sofia Martins. **A fenomenologia do tédio no Livro do Desassossego: de Martin Heidegger a Fernando Pessoa**, 2015. 319f. Tese de Doutorado em Filosofia – Departamento de Filosofia, Universidade de Évora, Portugal, 2015.

RIBEIRO, Bruna Luísa Ferlin. **Covid-19: repercussões do isolamento social na saúde mental infantojuvenil**, 2021. 42f. Trabalho de conclusão da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde. Hospital de Clínicas, Porto Alegre, 2021.

RODRIGUES, Thiago Donda. Mecanismos do poder disciplinar na escola: alguns apontamentos. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 11, n. 26, p. 225-240, 2018. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/6618/5491>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SAID, Flávia. Bolsonaro chama coronavírus de gripe-

zinha. “Não vai me matar”. **Congresso em Foco**, 2020. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-chama-coronavirus-de-gripe-zinha-nao-vai-me-matar/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SALES, Evelyn T. A influência do contexto familiar na saúde mental das crianças e adolescentes. **Revista da Faculdade Itecne**, v. 2, n. 1, p. 1-8, 2016. Disponível em: <http://itecne.com.br/social/edicoes/2016/artigos/Artigo%20%284%29.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SANTOS, B. S. **La cruel pedagogia del vírus**. Ediciones AKAL, 2020.

SANTOS, Carolina Carbonell dos Santos et al. A vivência da gravidez na adolescência no âmbito familiar e social. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 4, n. 1, p. 105-112, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reufsm/article/view/9860>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SILVA, Jaqueline Ferreira da; CID, Maria Fernanda Barboza; MATSUKURA, Thelma Simões. Atenção psicossocial de adolescentes: a percepção de profissionais de um CAPSij. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 2, p. 329-343, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/bHywNNdS-f6sHwHvKhZg8VMJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SOUZA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, 149-158 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Investigación (auto) biográfica como acontecimiento: contexto político y diálogos epistémico-metodológicos. **Márgenes, Revista de Educación de la Universidad de Málaga**, 1 (3), 16-33, 2020. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/mgn/article/view/9613>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SOUZA, Pedro HG. A Pandemia de covid-19 e a desigualdade racial de renda. **IPEA. Boletim de Análise Político-institucional**, n. 26, mar., 2021. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10519>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SOUZA, Sainara Rodrigues; TEIXEIRA, Irenides. O

adocimento psíquico vivenciado na adolescência no período pré-vestibular. **Humanidades & Inovação**, v. 3, n. 2, p. 63-72, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/L3j6bTTvSK4W9Npd7KQ-JNB/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2020.

THIENGO, Daianna Lima; CAVALCANTE, Maria Tavares; LOVISI, Giovanni Marcos. Prevalence of mental disorders among children and adolescents and associated factors: a systematic review. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 4, p. 360-372, 2014. Disponível em: Acesso em: 10 jul. 2020.

THOMAS, Michael SC; ROGERS, Cathy. Education, the science of learning, and the COVID-19 crisis. **Perspectives**, v. 49, p. 87-90, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s11125-020-09468-z.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VASCONCELOS, Cristina Silvana da Silva et al. O NOVO CORONAVÍRUS E OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA QUARENTENA. **Desafios-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. Especial-3, p. 75-80, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/8816>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VIEIRA, Andre Guirland et al. A escola enquanto espaço produtor da saúde de seus alunos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. esp., p. 916-932, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8492>. Acesso em: 10 jul. 2020.

WELLER, Wivian; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, V. 22, N. 40, P. 131-143, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Wivian-Weller/publication/277711541\\_Entrevista\\_narrativa\\_com\\_especialistas\\_aportes\\_metodologicos\\_e\\_exemplificacao/links/5570b0c208aedcd33b292e63/Entrevista-narrativa-com-especialistas-aportes-metodologicos-e-exemplificacao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Wivian-Weller/publication/277711541_Entrevista_narrativa_com_especialistas_aportes_metodologicos_e_exemplificacao/links/5570b0c208aedcd33b292e63/Entrevista-narrativa-com-especialistas-aportes-metodologicos-e-exemplificacao.pdf). Acesso em: 10 jul. 2020.

Recebido em: 28/07/2020

Revisado em: 15/01/2021

Aprovado em: 10/02/2021

**Layta Sena Ribeiro** é mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Especialista em Psicologia Jurídica pela Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (FACAPE). Membro do Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação (LEPPF) da Univasf e integrante da Liga Acadêmica Interdisciplinar para o Estudo da Morte e do Suicídio (LAIEMS) da Univasf. *E-mail:* [laytasena@gmail.com](mailto:laytasena@gmail.com)

**Marcelo Silva de Souza Ribeiro** é doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Quebec em Montreal (UQAM), no Canadá, e pós doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É professor adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), professor do Programa de Mestrado em Psicologia da Univasf e em Formação Docente e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco (UPE) – *campus* Petrolina, e editor da *Revista de Educação do Vale do São Francisco (Revasf)*. Coordena o Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação (LEPPF). *E-mail:* [marcelo.ribeiro@univasf.edu.br](mailto:marcelo.ribeiro@univasf.edu.br)